

PROJETO PIBID NA EMEB FRANCO MONTORO: O MUNDO DO TRABALHO A PARTIR DA RETEXTUALIZAÇÃO E DA ADAPTAÇÃO TEATRAL¹

Cláudia Tavares ALVES

Thaíssa Marques RIBEIRO

Professora responsável: Anna Christina Bentes

Resumo: O presente artigo visa relatar as etapas de planejamento e desenvolvimento, incluindo resultados finais, do projeto “O mundo do trabalho”, concebido pelo PIBID Letras da Unicamp. Tal projeto foi desenvolvido na EMEB Franco Montoro, com alunos dos sextos e oitavos anos do Ensino Fundamental, a partir da ideia de retextualização de um texto narrativo a um roteiro de teatro, o qual foi encenado posteriormente na escola. A partir desse processo, os alunos entraram em contato com questões referentes aos gêneros textuais, bem como com a produção e organização de uma peça teatral.

Palavras-chave: Letramento; PIBID Letras; Retextualização; Gêneros Textuais.

INTRODUÇÃO

O PIBID Letras da Unicamp² desenvolveu, durante o ano de 2015, o projeto “O mundo do trabalho” em diversas escolas da rede pública. Especificamente na EMEB Gov. André Franco Montoro³, localizada no município de Valinhos, o projeto se concretizou a partir da ideia de realizar a retextualização de alguns capítulos selecionados do romance *Pode me beijar se quiser* (2010), de Ivan Ângelo, transformando-os em um roteiro de peça de teatro, que seria encenada posteriormente.

1 Este artigo é uma adaptação do relato de experiência “Relato sobre PIBID Letras Unicamp: uma experiência de retextualização e adaptação teatral”, publicado na revista *Ao pé da letra* no 1º semestre de 2016.

2 O projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Letras UNICAMP (2014), “Diversidade Linguístico-Cultural, Práticas Escolares e Formação Inicial em Letras”, é coordenado pelos professores Anna Christina Bentes, Márcia Mendonça e Marcos Lopes, atuando em 06 escolas da região metropolitana de Campinas. O presente artigo fará referência à experiência de uma das equipes da Licenciatura em Letras do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), sob a coordenação da Profa. Dra. Anna Christina Bentes.

3 O PIBID na EMEB Franco Montoro acontece sob supervisão do Prof. Alvim José de Paula Neto, com a colaboração da Profa. Ana Elisa Novaes Vidal Martins.

A retextualização mostrou ser, desde os primeiros contatos com os alunos, um interessante caminho para o estudo de gêneros textuais, tendo em vista que este processo incluiria ao menos dois tipos de textos diversos. Nessa perspectiva, a intenção foi aprofundar a compreensão dos elementos referentes a cada um dos gêneros, além de despertar questionamentos acerca da linguagem utilizada no texto lido e no texto escrito.

Além da retextualização, a nossa proposta incluía a encenação do roteiro teatral escrito pelos alunos. Esse processo também foi responsável por uma série de reflexões acerca da linguagem teatral, bem como sobre os procedimentos de interpretação de personagens, organização de peça, entre outros. A perspectiva de encenar o roteiro que estava sendo retextualizado empolgou os alunos, o que propiciou uma experiência repleta de bons resultados.

PLANEJAMENTO DO PROJETO

Ao propormos a ideia da retextualização, nosso primeiro passo foi compreender o que seria esse processo e de que maneira ele poderia ser executado em sala de aula. Sendo assim, buscamos estudos teóricos que refletissem sobre essa questão e também artigos de outros professores que relatassem suas experiências com esse tipo de escrita em sala de aula.

Para a estudiosa Regina Dell’Isola, “retextualização é a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem” (DELL’ISOLA, 2007, p. 36). A partir dessa ideia, compreendemos que seria necessário selecionar um texto para servir de ponto de partida para a nossa retextualização, assim como decidir o gênero que gostaríamos de propor como produto final. Dessa forma, optamos pela retextualização de uma narrativa, originando um roteiro de teatro.

Posto isto, entendemos que a transformação de um texto para outro partiria de características muito particulares a esses gêneros textuais. Ou seja, nesse processo de refacção de um gênero a outro, seria essencial reconhecer o que é próprio de cada um desses gêneros para só então darmos continuidade à escrita.

Nesse sentido, Janaína Conceição explica que

os gêneros discursivos organizam todas as esferas comunicativas, e é por meio das diferentes práticas sociais em que participamos e reconhecemos, por exemplo, um poema como um poema, e não como uma receita culinária; uma conversa entre amigos sendo diferente de uma entrevista de emprego; uma peça de teatro como algo distinto de uma campanha publicitária, uma prescrição médica como algo diverso de um conto (CONCEIÇÃO, 2011, p. 10).

Tendo em mente este conceito⁴, procuramos pensar sobre narrativa, roteiro e encenação teatral como práticas sociais que devem ser reconhecidas por suas particularidades.

Afinal, o que há na narrativa que nos permite reconhecê-la como tal? E no roteiro teatral? Distinguindo o que é próprio de cada um desses gêneros, de que maneira o processo de retextualização lida com essas características? Essas foram questões que nortearam as nossas primeiras aulas, enquanto buscávamos gerar a reflexão nos alunos.

Por outro lado, foi também preciso estabelecer alguns parâmetros para o desenvolvimento prático da retextualização. Usamos portanto as definições e organizações propostas por Dell’Isola (2007) como base para nosso planejamento e dividimos o processo de retextualização nas seguintes etapas:

- *Leitura dos textos* – leitura dos capítulos selecionados de *Pode me beijar se quiser*;
- *Compreensão textual* – observação e levantamento das características de textualização do texto lido;
- *Identificação do gênero* – com base na leitura, compreensão e observação das características do gênero narrativo;
- *Retextualização* – escrita de um novo texto, orientada pela transformação do gênero narrativo em roteiro teatral;
- *Conferência* – verificação do atendimento às condições de produção: o gênero textual escrito, a partir do original, deve manter, ainda que em parte, o conteúdo do texto lido;
- *Identificação* – identificar, no novo texto, as características do *gênero-produto* da retextualização;
- *Reescrita* – trata-se da escrita da versão final do texto, feitos os ajustes necessários.

Além das etapas de retextualização, também nos dedicamos a compreender de que maneira a encenação teatral poderia ser organizada e quais tipos de conhecimento poderiam ser explorados com os alunos. Entendemos que o gênero peça de teatro é um gênero oral público, que possui aspectos próprios para a sua prática, e que o contato com os gêneros orais é importante para que os alunos se sintam familiarizados com alguns recursos expressivos que serão necessários em seu desenvolvimento.

O ato de encenar a peça pressupõe uma relação com o espectador, na qual o ator deve se atentar àquilo que o espectador deseja receber. Por isso, as etapas de produção da peça seriam essenciais para uma apresentação adequada. Sendo assim, estabelecemos que

⁴ O conceito de “gêneros discursivos” utilizado por Conceição (2011) pode ser aprofundado com a leitura de M. Bakhtin, “Os gêneros do discurso”, em *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

seria necessária uma preparação prévia, devendo ser bem organizada, pois a encenação exigiria uma postura corporal e da fala, e também domínio do espaço que irá compor a peça.

Após estabelecermos uma base teórica acerca do que é e como se realizaria a retextualização e a encenação teatral, decidimos, em conjunto com os supervisores que atuam no PIBID, utilizar o romance *Pode me beijar se quiser*, o qual seria transformado em um roteiro de teatro. A escolha desse livro se deu pela faixa etária dos personagens principais (13 anos), que se aproxima da idade dos alunos, e pela possibilidade de recontar a história narrada em forma de teatro de maneira acessível, tendo em vista também o perfil dos alunos. A escolha também esteve atrelada ao próprio tema “O mundo do trabalho”, tendo em vista que a questão profissional é um dos temas recorrentes nesse livro e que pauta a trajetória de alguns personagens.

Além disso, para o desenvolvimento completo do projeto na escola – isto é, apresentação da ideia de retextualização e adaptação teatral, leitura de um exemplo de retextualização, desenvolvimento da retextualização, ensaios e, finalmente, encenação da peça – foi pensado um cronograma de aproximadamente 10 semanas, sendo 2 aulas por semana em cada turma.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: DA NARRATIVA AO ROTEIRO DE TEATRO

Começamos então a frequentar a escola semanalmente. Estávamos em 5 bolsistas do programa para acompanhar o desenvolvimento do projeto em 4 turmas diversas: 2 turmas de 6º ano e 2 turmas de 8º ano. Para atender os alunos da melhor forma possível, optamos por dividir a equipe em 3 bolsistas que acompanhariam mais de perto os 6ºs anos e 2 bolsistas que ficariam com os 8ºs. Apesar de essa divisão ter sido feito para organizar o projeto e nossa dedicação às turmas, todas as bolsistas se envolveram com as atividades de todas as turmas, mesmo que fossem turmas pelas quais não eram responsáveis.

Reservamos a primeira semana para a apresentação da equipe e do projeto para as turmas que integrariam o programa. Toda a equipe de bolsistas, acompanhada dos professores responsáveis pelas turmas na escola, esteve presente nas 4 salas de aula participantes, com o objetivo de os alunos nos conhecessem e também para que pudessemos conhecer todos os alunos integrantes do projeto. Tivemos então uma breve conversa e a apresentação de todas as bolsistas e de todos os alunos. Na sequência, fizemos uma exposição do que desenvolveríamos com o projeto. Nesse momento, já introduzimos o livro que seria retextualizado aos alunos, e foi possível perceber que alguns deles já haviam tido contato com a obra, o que serviu como incentivo para a leitura da narrativa.

Além disso, dissemos que também havia a intenção de, após o processo de retextualização, encenar a peça de teatro. Com essa informação, os alunos ficaram empolgados, sobretudo nas turmas em que havia alunos que, em outros contextos, já haviam se envolvido com a dramaturgia.

Na segunda semana, escolhemos mostrar aos alunos um exemplo real de retextualização, acreditando que essa exposição facilitaria o trabalho que eles deveriam desenvolver posteriormente. Levamos então o conto “Os músicos de Bremen”⁵, dos Irmãos Grimm, e fizemos uma leitura coletiva, em voz alta, para os alunos. A seguir, mostramos o roteiro da peça “Os Saltimbancos”⁶, de Chico Buarque, uma adaptação teatral do conto alemão que se tornou uma das peças infantis mais conhecidas no Brasil. Para a leitura da peça, pedimos para que alguns alunos lessem em voz alta, introduzindo-os desde já à experiência da leitura dramática.

Foi muito interessante a discussão posterior com os alunos, observando com eles o que mudou e o que ficou igual, em relação à narrativa original, em *Os Saltimbancos*. Eles foram muito perspicazes em relação a detalhes de caracterização de personagens e o espaço da história, permitindo que pudéssemos explicar o que afinal era retextualizar um texto. Além disso, mostramos algumas mudanças quanto à estrutura textual, como a ausência de narrador no teatro, a importância das músicas para o desenvolvimento do enredo e até mesmo as marcações de encenação. Por último, mostramos com este exemplo que a retextualização não pressupõe uma fidelidade total à história narrada, sendo possível propor mudanças que se adequem às expectativas e aos efeitos de sentido pretendidos com o texto retextualizado.

Nas semanas seguintes, passamos a nos dedicar ao livro *Pode me beijar se quiser*. Tendo em vista o cronograma limitado, escolhemos apenas alguns capítulos para serem lidos e, posteriormente, retextualizados. Optamos por trabalhar o capítulo 1 com todas as turmas, pois é um capítulo curto, com poucos personagens e sem mudança de lugar, o que facilitaria a primeira experiência de retextualização dos alunos. Além disso, optamos por trabalhar os capítulos 2 e 3 nos 6ºs anos, e os capítulos 6 e 10 nos 8ºs anos.

As etapas seguintes foram as mesmas em todas as turmas. Primeiramente, foi feita a leitura coletiva do capítulo 1, sempre em voz alta e com a participação dos próprios alunos. A seguir, foi feita a interpretação da narrativa, tentando reconhecer os seus elementos constitutivos, isto é, o que acontecia naquela história, quem eram os personagens, em qual tempo e espaço se passava a história, qual a importância do narrador para o desenvolvimento do que estava sendo narrado etc. Só então, após a compreensão da história e do gênero textual que estávamos lendo, iniciamos a retextualização.

5 Cf. Os músicos de Bremen (2008), Irmãos Grimm, Editora Global, SP.

6 Cf. Os Saltimbancos (2007), Chico Buarque, José Olympio, RJ.

Passamos então aos roteiros, que foram escritos em cada sala de aula em conjunto com os alunos. Para iniciar a adaptação, foi necessário um debate focado na compreensão do texto em relação ao que gostaríamos de produzir em nosso roteiro. Pensou-se nas atitudes de cada personagem, em como as falas poderiam ser mais bem construídas, em como elas poderiam se encaixar em um cenário, em como os personagens se vestiriam e, por fim, em como a variabilidade linguística poderia ser percebida na construção das falas, levando em consideração a transformação de um texto escrito para um posterior texto oral.

As retextualizações foram feitas na lousa, com a participação de todos. Os alunos davam sugestões e as registrávamos na lousa para que todos pudessem registrar o texto no caderno recebido para uso específico do PIBID. Verificamos que os alunos se sentiam estimulados pela possibilidade de expor suas opiniões em voz alta na sala de aula e por poder debater com os colegas como seria a melhor forma de construir o roteiro. Aliás, devido a esse debate proporcionado pelo processo de retextualização escolhido, foi comum os alunos proporem modificações no texto mesmo que ele já estivesse registrado, pois eles refletiam sobre a situação de produção e revisavam o que parecia inverossímil.

Em uma turma do 8º ano, devido à dedicação e concentração dos alunos, optamos por fazer a retextualização de um dos capítulos em grupos menores. Após a leitura e interpretação coletiva do texto, a sala foi dividida em 5 grupos de 5 alunos e cada grupo ficou responsável por retextualizar uma parte da narrativa. Infelizmente, essa experiência não se mostrou adequada, pois os alunos ficaram muito apegados à história do texto original e não se permitiram fazer mudanças no roteiro de teatro. O resultado foi um roteiro artificial, que não poderia ser encenado, considerando nosso cronograma, por isso ele precisou ser adaptado novamente, levando em consideração dessa vez as opiniões da sala toda. Esta nova adaptação, focada apenas na primeira cena do capítulo 10, foi então feita por todos os alunos e serviu como texto para a encenação.

Tendo em mãos os roteiros, iniciamos as etapas de montagem da peça. Foram 4 semanas de memorização dos textos, divisão de tarefas, ensaios, confecção dos cenários etc. Para começarmos a encenação, a primeira etapa foi fazer leituras dramáticas dos roteiros que possuíamos para ver se eles estavam adequados para ser ensaiados. Ainda nesse momento, foram feitos alguns ajustes previstos, que deram maior naturalidade à peça.

A etapa seguinte foi realizar a divisão de tarefas para a encenação da peça e escolher quais alunos seriam atores, diretores, contrarregras, maquiadores, cenógrafos, cinegrafistas, sonoplastas e estilistas. Os próprios alunos tiveram maturidade em assumir tais responsabilidades e não houve nenhum problema quanto a distribuições de funções. Nitidamente, cada aluno escolheu o que faria com base na sua personalidade e isso facilitou o processo, pois nada foi imposto a nenhum deles.

Para a realização dos ensaios, começamos fazendo-os nas próprias salas de aula, e depois descemos ao palco que existe no pátio da escola. Esses momentos de ensaio foram importantes para que os alunos percebessem quais adaptações seriam necessárias para que a peça ficasse adequada à apresentação, retomando a discussão sobre o gênero oral público. A noção de que a peça seria encenada no pátio da escola e que outros alunos os assistiriam motivou a preparação da encenação, fazendo-os lidar com suas responsabilidades pela montagem.

No último dia antes da apresentação, fizemos um ensaio com alguns elementos do cenário e figurino. Foi um ensaio conjunto, em que estavam presentes uma turma de 6º ano e uma turma de 8º ano. A ideia foi propor que outros alunos, também envolvidos com o PIBID, acompanhassem a encenação e simulassem como seria o dia da apresentação, isto é, simulassem a presença de um público espectador diferente daquele com o qual eles estavam acostumados. Foi uma experiência interessante, pois eles perceberam que teriam que lidar com a vergonha, a pressão de falar em público, e também porque foi possível ter contato com a montagem de outra turma.

Quando chegou o dia da apresentação final, os alunos estavam todos muito empolgados. Organizamos o palco e os bancos para a plateia, e os alunos-atores começaram a se arrumar. Antes da encenação no palco, fizemos também alguns últimos ensaios em sala de aula para praticar o texto. Foi um dia muito importante para todos os alunos, que estavam em clima de festa.

As encenações foram ótimas e foi possível ver o envolvimento de todos os alunos das turmas participantes, até mesmo daqueles que se mantiveram mais quietos e reservados durante o desenvolvimento do projeto. Conversando posteriormente com eles, ficamos com a sensação de que foi um projeto muito importante para eles enquanto indivíduos e enquanto grupo. Estavam todos muito satisfeitos e eufóricos ao final das apresentações.

RESULTADOS

O desenvolvimento do projeto na escola resultou em dois produtos finais: um roteiro de teatro e uma peça teatral por cada turma participante do programa. Em relação aos roteiros, pudemos observar textos criativos, que souberam adaptar a narrativa ao contexto de encenação. Já em relação às encenações, presenciamos a montagem empolgada de peças que envolverem e motivaram os alunos a se envolver com as atividades escolares.

Além disso, durante todo o processo de desenvolvimento desses materiais, pudemos observar uma série de resultados interessantes, que corroboraram a importância desse tipo de atividade direcionada a alunos do Ensino Fundamental. Desde as primeiras etapas, referentes sobretudo à retextualização, as turmas se destacaram pelo desenvolvimento de

certas habilidades de leitura e escrita. Foi possível notar o desenvolvimento dos alunos referente a:

- interpretação de textos narrativos, reconhecendo os elementos que os compõem (personagens, tempo, espaço, narrado);
- processo de escrita de um roteiro teatral, observando como os elementos narrativos são alterados na retextualização;
- adaptação da linguagem escrita para a linguagem oral.

A participação dos alunos na construção do roteiro contribuiu também para aprimorar a confiança deles em sua capacidade de expressão verbal e análise de texto, pois compartilharam suas opiniões junto aos colegas para a construção de uma peça que fosse escrita por todos. Também o estímulo do trabalho em grupo, sem a necessidade de cobranças exaustivas de nossa parte, foi ganhando espaço gradativamente e pode ser percebido quando, ao fim da preparação da peça, já era possível ver que eles se mobilizaram por si sós para que o trabalho ficasse adequado. Nesse sentido, os alunos puderam aprender a ser mais autônomos e a se autogerirem como grupo.

Também nesse sentido, houve o aprimoramento da expressão oral dos alunos, melhorando suas capacidades de falar em público - sobretudo em relação aos alunos mais tímidos, que levaram mais tempo para se envolver com o projeto -, e suas aptidões para atuar, assumindo personagens e realizando adequações orais e corporais necessários para interpretá-los.

Finalmente, foi possível observar a importância de um trabalho desenvolvido em grupo. Os alunos assumiram noções de compromisso e respeito, desenvolvendo a percepção da responsabilidade de cada um diante de um trabalho coletivo, que envolve todos. Destacamos o empenho de todos na organização e na divisão de tarefas, principalmente das tarefas que envolviam trabalhos manuais, como a construção de cenários e preparação de figurinos.

As experiências de retextualização e de adaptação teatral proporcionadas pelo PIBID foram, sem dúvidas, um momento de descoberta das capacidades desses alunos. Eles construíram, dia após dia, a criação que apresentaram. Para tanto, assumiram responsabilidades e souberam se envolver com cada detalhe da organização do que estavam construindo. O mundo do trabalho se revelou como um experimento prazeroso, que para além das obrigações do universo adulto, pode ser entendido como uma atividade de amadurecimento e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, I. (2010). Pode me beijar se quiser, Ática Editora, SP.

CONCEIÇÃO, J. V. da. (2011). O ensino de gêneros orais públicos: o que o teatro tem a ver com isso? Monografia de Letras apresentada no Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

BOUZADA, C. de P.; FARIA, M. D. A. & DA SILVA, A. (2013). “A retextualização como recurso didático para a produção textual”. The ESPECIALIST, vol. 34, n. 1 (45-68). Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/viewFile/13174/14307>>. Acesso em: 27/07/2015.

DELL’ISOLA, Regina L. P. (2007). Retextualização de gêneros escritos, Lucerna, RJ.

FERREIRA, M. R. D. S. (2012). Retextualização em sala de aula: Uma experiência de criação de Roteiro a partir da leitura de contos, UFMG, MG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/ddc/ufmgjovem2012/docs/mcped/14-criacao_de_roteiro.pdf>. Acesso em: 05/11/2015.

MATE, A. (2012). Uma proposta de adaptação de textos literários para a linguagem teatral: “Tudo certo como dois e dois são cinco”. Cultura Acadêmica Editora, SP. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40522/1/01d18t07.pdf>>. Acesso em: 27/07/2015.